

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORIGEM DO BILINGÜISMO ÁRABE-FRANCÊS NO LÍBANO

Aida Rámeza Hanania Bacchi

Partindo do princípio elementar de que todo bilingüismo se revela por intermédio de um comportamento lingüístico caracterizado pelo uso alternativo de duas línguas, podemos concluir que existe bilingüismo (evidentemente em níveis variáveis) em todos os países árabes. E o que leva os árabes, em geral, à prática do bilingüismo é, sem dúvida, a necessidade da comunicação, do intercâmbio (nos diversos setores da vida humana) com o restante do mundo, fundamentalmente com o mundo ocidental. A consciência dessa necessidade faz com que, desde o início da vida escolar, a criança entre em contacto com uma língua estrangeira ao lado de sua língua materna.

“Dès leur jeune âge, ils font l'apprentissage
d'idiomes consécutifs” (1)

“On prend l'enfant juste à l'origine des ses études, à l'âge scolaire
et dès qu'il arrive à l'école, on lui enseigne deux langues: sa langue
maternelle d'abord et puis, une langue étrangère” (2)

Por razões de ordem diversa e particular a cada país, no que se refere a sua configuração histórica, política, econômica ou social, adotou-se o francês, que se pode ouvir em quase todo o norte africano (incluindo-se parte do Egito), o Líbano e parte da Síria, e o inglês que se ouve no Egito, Iraque, Jordânia, Arábia e Sudão, para citar rapidamente as regiões bilíngües principais.

Dentro do contexto árabe, o Líbano se nos apresenta bastante peculiar, nos múltiplos aspectos de sua formação. Considerando, pois, que a situação de bilingüismo instala-se e adquire determinada feição, segundo a realidade em que está inserida, podemos dizer que o bilingüismo árabe-francês no Líbano assume características igualmente peculiares.

(1). — Monteil, Vincent, “Bilinguisme” in *L'ARABE MODERNE*, Librairie Klincksieck, Paris, 1960, p. 85.

(2) — Nasr, César, “Le Bilinguisme au Liban” — conferência pronunciada em Bikfaya — 28/4/1958 — citado por V Monteil, *op cit.*, p. 85.

Se aceitarmos que a história de um povo se faz, em grande parte, em função de um determinismo geográfico e que, conseqüentemente, sua composição social resulta do processo de simbiose da história e da geografia, com relação ao Líbano tal afirmação toma foros de lei.

O Líbano acha-se situado no flanco ocidental do retângulo Sírio, do qual é separado por altos maciços a leste e por depressões ao Norte e ao Sul. Ocupa na Síria geográfica a mesma posição que Portugal na Península Ibérica. Sua superfície é de 10.400 km², sendo que a extensão de seu litoral é de 210 km e a largura máxima de suas terras, 60 km. (3)

Em seu aspecto físico, o Líbano se apresenta como uma faixa de terra que assume quatro aspectos distintos em seu sentido longitudinal. Seguindo-se à porção costeira, surge um maciço, ao qual se segue um vale e logo após, outro maciço. Três conformações constituem propriamente o país libanês: o maciço central, o conhecido Monte Líbano, tendo a oeste a faixa litorânea, e o vale da Bekaa a leste. O maciço montanhoso central é uma possante barreira que se estende pelo comprimento de aproximadamente 170km, elevando-se a uma altura que vai de 1 000 a 3.000 metros. É como a “espinha dorsal” do país. Tomba abruptamente sobre a Bekaa e em rígidas escarpas, em direção ao Mediterrâneo. É habitado, é fértil, opondo-se totalmente ao segundo maciço (que lhe é paralelo e do qual é separado pelo vale da Bekaa) que se mantém árido, inabitado praticamente, e que constitui o conhecido Anti-Líbano que faz, atualmente, fronteira com a Síria. O vale da Bekaa é bastante fértil. Dois rios se destacam: o Oronte ao norte, e o Litani ao sul.

Em virtude desta configuração especial que o isola do interior e o predispõe ao mar, o Líbano abre-se amplamente para o Mediterrâneo.

Tendo em vista estas circunstâncias, uma conduta se impõe a todos os que forem analisar todo e qualquer tipo de comportamento regional: considerar o Líbano não só em sua dimensão oriental, mas igualmente, em sua dimensão ocidental.

A comunidade libanesa tem aspecto bastante singular e somente a compreensão de sua estrutura através da História, poderá explicar a origem do bilingüismo árabe-francês tal como é vivido em dias atuais.

De situação geográfica bastante privilegiada, verdadeiro “carrefour” de três continentes, é fácil concluir que no Líbano as origens e

(3). — Chedid, Andrée, *LIBAN*, Coll. Petite Planète, Éditions du Seuil, Paris, 1969, p. 11.

cruzamentos tenham sido tão diversos ao longo dos séculos que qualquer tentativa de unificação do ponto de vista racial será naturalmente frustrada.

Os fenícios são considerados os primeiros habitantes do Líbano, datando sua fixação de 3.000 a. C. Foram atraídos pelo litoral, fundando ali várias cidades importantes, tais como Beryte, Sídon, Tyr e Byblos, cujos nomes, com ligeiras modificações, mantêm-se até hoje: Beirut, Saida, Tiro (ou Sur) e Biblos.

Pela posição geográfica de que desfrutaram, pela atividade comercial praticada, pelo espírito de aventura e de exploração através da navegação, os fenícios já conheciam necessariamente uma forma ou outra de bilingüismo, portanto uma forma ou outra de intercâmbio cultural.

“Le bilinguisme déjà pratiqué il y a 2.300 ans par les écoliers de Byblos, se perpétue” (4)

Não entraremos aqui, no mérito das línguas faladas desde milênios em terras libanesas, mas procuraremos — e este é nosso modesto objetivo — percorrer as grandes linhas de sua história, buscando localizar e caracterizar a introdução dos elementos lingüísticos e culturais que, através dos tempos, redundaram no bilingüismo atual.

De 3.000 a. C. até o século VII, a história do Líbano gira em torno de seu litoral. Recortado sob medida, para a concepção de portos e abrigos de embarcações, ponto vulnerável geograficamente, constituiu-se em lugar de passagem obrigatória dos egípcios, hititas, assírios, babilônios, persas, selêucidas, romanos, bizantinos.

“Là, excitation de l'échange, concurrence vive, concurrence du négoce, concurrence des forces, des influences, concurrences des religions, concurrence des propagandes, concurrence simultanée de produits matériels et des valeurs spirituelles (.) Le même navire, la même nacelle apportait les marchandises et les dieux, les idées et les procédés.” (5)

A partir, entretanto, do século VII, parece tornar-se também história de sua montanha.

“Vers la fin du VIIè. siècle la montagne accueille le premier afflux important de réfugiés” (6)

(4) — Chedid Andrée, *op. cit.*, p. 152.

(5) — Valéry Paul, citado por A. Chedid, *op. cit.*, p. 14.

(6) — Abou, Sélim, *LE BILINGUISME ARABE-FRANÇAIS AU LIBAN*, PUF, Paris, 1962, p. 37.

Registra-se, a partir do fim do século VII, pouco após a desagregação da Fenícia, um afluxo de populações rebeldes, bastante individualizadas, porque arraigadas a conceitos de liberdade próprios, e que procuram a montanha como refúgio. De início, assomam os cristãos, que são seguidos pelos muçulmanos e, logo após, pelos druzos. Tem início, na montanha, o processo de edificação de um futuro Estado Independente, na base da conciliação entre minorias que se agrupam em torno de duas comunidades principais, a druza e a maronita, representantes primeiras das comunidades cristã e islâmica, que, basicamente, comporão a futura nação libanesa.

Entre os séculos VII e XVI constata-se as chegadas sucessivas de comunidades numerosas que, fixando-se na montanha, criam raízes profundas e dão origem, de maneira bastante curiosa, a uma história independente e paralela à das cidades costeiras. Passa a haver então uma dupla história libanesa. A primeira, das populações estabelecidas ao longo das grandes vias de comunicação e dos impérios omíada (660-750), abássida (750-1098), mameluco (1291-1516) e otomano (1516-1914) que dominaram todo o Oriente Próximo. A segunda, das comunidades que se refugiaram na montanha, pelo que esta lhes prometia em termos de segurança contra o inimigo comum que ocupava ou controlava as cidades e as grandes vias de comunicação.

Já no século XVI a montanha parece apresentar o quadro social que atualmente distinguimos.

“A l'aube du XVIè. elle présente déjà à peu de choses près, la physionomie humaine qu'on lui connaît aujourd'hui” (7)

Neste ponto, procuraremos em linhas bem gerais, caracterizar as principais comunidades a partir da atualidade, relacionando-a com seus fundamentos históricos e culturais.

Os primeiros a refugiarem-se nas montanhas foram os maronitas. Constituem a maior parte da comunidade cristã libanesa (29% da população total) (8) Descendem de São Maron que deve ter vivido no século IV ou V. Os maronitas inauguram a história da montanha. Chegam ao Líbano no século VII através do Rio Oronte, após abandonar a região de Antióquia (onde haviam se estabelecido). Instalaram-se na região norte da montanha.

(7). — Abou, Sélim, *op. cit.*, p. 37

(8). — Os dados estatísticos de que pudemos dispor nos dão as cifras da estimativa de 1962, para todas as comunidades (A. Sélim *op. cit.*, p. 46-52) Certos de que nestes catorze últimos anos houve alterações populacionais desta ou daquela comunidade, mantivemos a menção estatística apenas para que se tenha uma idéia básica da repartição confessional no Líbano.

Os maronitas usavam o siríaco, como língua litúrgica e literária, enquanto conservavam um dialeto aramaico como língua corrente. Com a chegada da língua árabe, a penetração foi muito lenta nos meios maronitas. Católicos fervorosos, resistiram muito à língua árabe trazida pelos islamitas. Entretanto, sentiram-se obrigados a assimilá-la em virtude da necessidade de comunicação com os muçulmanos por exemplo, que também procuraram a montanha. Desde então, o bilingüismo conduziu a uma necessidade cultural. Naturalmente atraídos pelo Ocidente, fonte de sua inspiração religiosa, os maronitas ligaram-se profundamente à França.

Ao lado dos maronitas, devem-se citar as outras comunidades cristãs, como a dos greco-ortodoxos que formam 10% da população e que são fiéis à Igreja do Oriente. Vivem nas cidades e nos centros urbanos. Transferiram-se para o Líbano após o cisma, ocorrido em 1054. Têm simpatia pela França, embora sintam-se atraídos pelo Oriente de onde procede sua fé religiosa.

Os greco-católicos ou melkitas são uma facção que se destacou do grupo ortodoxo por volta do século XVIII e uniu-se à Igreja Romana. Como os maronitas, são bastante ligados culturalmente à França.

Os armênios católicos e ortodoxos formam 6% da população e fixaram-se no Líbano como refugiados, por volta do início do século XX, tentando escapar à perseguição otomana.

Seguem-se as comunidades muçulmanas. São profundamente arraigadas ao Oriente e têm sua filosofia de vida no Corão. A dos sunitas, dentre elas, é a representante oficial do Islão. Toma Maomé como chefe e guia espiritual e representa 20% da população total. Concentra-se em Beirut, sendo majoritária em Trípoli e em Akkar.

Os chiitas representam a facção muçulmana (18% da população) que segue Maomé, mas não partidários de seu genro Ali, não reconhecendo Moawya, primeiro califa omíada, e nenhum outro califa. Agrupam-se na Bekaa (onde se dedicam principalmente à agricultura), nas montanhas do sul e na região de Tiro (ou Sur)

Os druzos, 6% da população, formam a seita herética do Islão que nasceu no Egito, na época do califa fatímida Al-Hakim. Seu nome vem de Darrazi, discípulo do califa Al-Hakim que veio pregar sua doutrina na Síria. Agrupam-se na parte central do Monte Líbano: Chouf — Gharb e Metn. São guerreiros ativos e se acham intimamente ligados à evolução histórica do Líbano.

Tal como se nos afigura, o Líbano é uma associação islâmico-cristã, tomando-se por base as duas grandes religiões representadas pelas minorias que afluíram a seu território. E, a tentativa de con-

ciliação das duas grandes comunidades, sem prejuízo de seus direitos individuais e fundamentais, deverá presidir sempre toda e qualquer decisão relativa a interesses nacionais comuns.

Diríamos que o fulcro mesmo do problema libanês é sua estrutura comunitária “sui generis”

O primeiro contacto dos libaneses com a Europa, particularmente com a França, deu-se através das cruzadas durante a ocupação franca. Sem dúvida, o contacto intensificou-se com os cristãos, principalmente com os maronitas.

Os cruzados permaneceram no Líbano por dois séculos, ou seja, de 1098 a 1291; ao que tudo indica, do ponto de vista político, os resultados das cruzadas não chegam a ser marcantes; deve-se ressaltar, porém, a importância da dominação franca no que tange à introdução de elementos psicológicos e culturais possibilitados por um constante intercâmbio econômico com o Ocidente. E da aproximação de duas civilizações diferentes, surgiram diversas situações de bilingüismo.

“Dans les colonies franques, écrit Lammens, on entend parler tous les idiomes de l'Europe occidentale et méditerranéene. À côté du latin, langue officielle de l'Église et parfois aussi de l'État, le français devient la langue universelle des barons. Puis, vient la langue des marins, des commerçants italiens qui encomrent les ports. Beaucoup de seigneurs, possesseurs de fiefs (. . .) s'étaient familiarisés avec l'arabe, connaissance indispensable pour les relations avec leurs vassaux, l'administration et le commerce” (9)

No que toca à penetração da língua francesa no Líbano, as cruzadas colaboraram, mas indiretamente, uma vez que recolocaram as civilizações mercantis ocidentais nos portos do Oriente.

A influência cultural francesa no país teve início com a ocupação franca e manteve-se principalmente devido às relações econômicas entre o Líbano e o Ocidente e à atividade dos missionários.

“La continuité réside dans les relations commerciales d'une part et dans une certaine survivance missionnaire de l'autre” (10)

Tudo leva a crer que, a bordo dos navios europeus, vinham missionários que procuravam entrar em contacto com as populações cristãs locais ajudando-as a instruir-se na fé católica e nas línguas ocidentais. Os franciscanos tiveram participação ativa (durante e mesmo após a dominação franca) principalmente no século XV Logo

(9). — Lammens, H., *LA SYRIE*, citado por S. Abou, *op. cit.*, p. 77

(10). — Abou, Sélím, *op. cit.*, p. 180.

depois, outras congregações missionárias, notadamente francesas, tais como: Soeurs de S.V de Paul, dames de Nazareth, soeurs de la Sainte Famille. vieram ao encontro dos cristãos libaneses.

Se nos reportarmos ao período que vai do século VII ao XV, constatamos que fatos marcantes colaboraram para dar ao Líbano a fisionomia que hoje nos mostra.

- A propagação islâmica, em primeiro lugar, trazendo consigo a língua árabe: esta conheceu novo impulso, o que lhe permitiu expandir-se por toda a Síria e conseqüentemente por toda a região libanesa, onde o árabe tornou-se língua materna.
- A ocupação franca, por ocasião das cruzadas, acarretando o contacto direto e intenso do Ocidente Europeu com o Oriente.
- A consideração da montanha como asilo, dando origem através dos tempos, a uma sociedade bastante característica.

Consciente do particularismo libanês, Fakhreddine II, da dinastia druza dos Maan (1516-1697) designa como primeiro ministro um maronita e passa, assim, a ser considerado e respeitado por todos. Assegura a todas as comunidades, liberdade de culto e igualdade de direitos. O Líbano acha-se sob seu comando, cada vez mais engajado no processo de intercâmbios comerciais e culturais com o Ocidente. A vocação bicultural do país se manifesta grandemente. O século de acesso ao poder, dos Maan (que coincide com a expansão dos otomanos pelo território libanês), inicia um período fecundo e intenso de relações culturais com o Ocidente. Deve-se lembrar também que com as capitulações otomanas em 1585, beneficiaram-se os estrangeiros, particularmente os franceses. Foram firmados tratados que permitiam a estes, liberdade de comércio com todos os portos do Império. Os negociantes de outras nacionalidades européias também adquiriam vantagens sob a condição de navegarem com bandeira francesa.

A França aproveita seu enorme prestígio e aumenta sua penetração cultural através das comunidades cristãs, sobretudo da maronita. Cresce a vinda de missionários ao Líbano. A elite do clero maronita vai formar-se em Roma. De lá, os religiosos seguem muitas vezes, para a França, ingressando por exemplo, no Collège Royal de Paris como “tradutores e lingüistas” ou colaboradores da “Byble Polyglotte de Paris”

“Dès le XV^e. siècle, les Patriarches Maronites éprouvent le besoin d’avoir un clergé formé à l’occidentale” (11)

Saliente-se que, quase todos os elementos que viveram no Ocidente e educaram-se à ocidental voltavam a seu país, trazendo experiências novas, idéias novas e um idioma ocidental.

‘La grande majorité des autres savants et écrivains ne perdirent jamais le contact avec leur pays d’origine Méditerranéenne, chargés de projets, de réformes, de missions et de livres, ou passèrent une bonne partie de leur existence au milieu des leurs” (12)

Sob a dinastia seguinte (1697-1840) dos Chehab (de origem sunita e aliados dos Maan desde longo tempo) continua a política de Fakhreddine II de boa vizinhança e de abertura ao intercâmbio cultural e econômico (atitudes que se tornarão tradicionais no Líbano) do ponto de vista externo; e a conciliação das comunidades, procurando-se integrá-las num processo de formação nacional, do ponto de vista interno.

As escolas fundadas pelas missões, recebem mais e mais professores franceses. Graças aos missionários, religiosos e leigos, que não cessam de se instalar no Líbano desde o século XV, os cristãos têm acesso ao resto da Europa, promovendo ao lado do ensino da Língua Árabe, o ensino sistemático das línguas ocidentais.

Na segunda metade do século XIX, as línguas ocidentais, em particular o francês, já são lidas, escritas e faladas no Líbano.

Em 1840 começam a surgir conflitos nas montanhas entre druzos e maronitas, o que permite aos otomanos forçar a abdicação do Emir Bechir III e propagar a necessidade de governar diretamente a montanha. Entretanto, as potências européias opõem-se a essa medida e sugerem a divisão do Líbano em dois distritos, o do Norte e o do Sul. O governo do Norte é cristão e o do Sul, druzo. Essa fórmula vai resultar na desagregação do país, visto que não leva em conta a composição mista das regiões centrais.

Em 1845, surgiram novos atritos que culminaram em 1860, em desacordo total entre as duas facções. As circunstâncias foram favoráveis à penetração das potências européias no Líbano, particularmente a dos Franceses.

Em 1914 surgem novos conflitos paralelos à Grande Guerra. Em 1918 ocorre a ocupação do Líbano pelos aliados. Tropas bri-

(11). — A. Sélim, *op. cit.*, p. 180.

(12). — A. Sélim, *op. cit.*, p. 180.

tânicas, francesas e árabes põem fim à dominação dos turcos na Síria e no Líbano e esses dois países passam para o mandato francês.

Em 1943, a oposição à ocupação francesa atingiu seu clímax e as comunidades cristã e muçulmana, unidas pelo mesmo sentimento de liberdade e autonomia, obtêm total independência em 1946, quando ocorre a evacuação total das tropas francesas e britânicas. Tendo em vista nosso objetivo, já definido momentos atrás, não cabe analisar aqui, as razões que levaram as potências européias, França e Inglaterra, a penetrarem e a permanecerem no Oriente Próximo. Entretanto, cabe ressaltar que de uma forma ou de outra, das circunstâncias políticas que envolveram libaneses e franceses em um mesmo solo, adveio uma enorme influência cultural. O número de escolas e instituições de ensino multiplicou-se. Foi criada a Universidade Saint Joseph pelos jesuítas em 1875 e grandes centros educacionais a ela ligados. A Literatura francesa foi muito divulgada. Consolidou-se uma situação de bilingüismo que de há muito já se insinuava.

Foi, sem dúvida, através do elemento cristão que o francês conseguiu atingir o nível de penetração que hoje tem no Líbano. Com efeito, a comunidade cristã sempre se sentiu irremediavelmente atraída pelo Ocidente, berço de sua inspiração religiosa.

A França, através de uma política cultural bem definida atendeu às exigências espirituais e culturais da comunidade, talvez por ter abrigado da forma mais legítima o “patrimônio greco-romano e mediterrâneo, tal como o assimilou e transformou o pensamento cristão”

Por outro lado, a comunidade muçulmana fortemente ligada ao Oriente Árabe, lugar de origem do Corão, fonte de sua religião, sua filosofia, sua ideologia, soube mais tarde, reconhecer a necessidade do francês para o país. Certamente, o Líbano não pode prescindir de uma língua universal, sendo um país de situação geográfica privilegiadíssima e cuja economia se baseia em intercâmbios comerciais entre o Oriente e o Ocidente; sendo um país de serviços; sendo um país de natureza magnífica e que, por isso, atrai milhares de turistas anualmente.

Dizer que o Líbano se define pelo seu papel de traço de união entre dois mundos é mencionar já um lugar-comum mas, e por isso mesmo, é referir-se ao aspecto mais sensível de sua vida cotidiana, política e religiosa. É através do bilingüismo árabe-francês que se realiza a vocação bicultural do país. A língua árabe veicula os valores do Islão, do mundo oriental em que está inserido o Líbano. A língua francesa, os valores do Cristianismo, do mundo ocidental, para o qual, o país se arroja através do Mediterrâneo.

Da maneira como procede, o bilingüismo árabe-francês no Líbano é um bilingüismo vivo porque penetra em todas as camadas, desde as sócio-econômicas privilegiadas até as mais populares. É um bilingüismo precoce porque desde cedo, a criança ouve e aprende a expressar-se nas duas línguas, freqüentemente na mesma medida.

A história do Líbano, acha-se fortemente motivada pelo fator espiritual. E, o aspecto mais original que apresenta do ponto de vista sociológico, encontra-se talvez, na relação entre as línguas e as religiões. O bilingüismo árabe-francês surge antes de mais nada, como uma necessidade espiritual e cultural da comunidade nacional. Desde os primeiros traços que foram delineando sua fisionomia social, o Líbano salientou-se como palco da coexistência de religiões, de línguas e de povos. Transformou-se, em consequência desse fato, em centro cultural dos mais importantes do Oriente Próximo.

O equilíbrio libanês parece residir num dualismo constante em todos os planos de sua existência. No diálogo eterno do mar e da montanha; na interpenetração das culturas do Oriente e do Ocidente, no encontro do islamismo e do cristianismo. no bilingüismo árabe-francês.

O bilingüismo árabe-francês parece-nos ser o meio que possibilita ao libanês a tomada de consciência nacional em seu sentido mais amplo.